

A MEDIAÇÃO EM PAUL RICOEUR: APROXIMAÇÕES COM HEGEL

Adriane da Silva Machado Möbbs
Universidade Católica de Pelotas

Resumo: Trata-se de um estudo acerca da mediação de Paul Ricoeur e a sua aproximação com a dialética de Hegel e dos hegelianos, no qual se pretende apresentar em que medida a dialética de Paul Ricoeur é hegeliana. Defende-se que, a dialética ricoeuriana tem, ao menos, três pontos de aproximação com a proposta de Hegel, a saber: a necessidade de mediação; a rejeição à permanência na dicotomia (ou paradoxo) e a visão teleológica da mediação. Contudo, embora próximas, as duas propostas são bastante distintas entre si.

Palavras-chave: Paul Ricoeur; Hegel; dialética.

Abstract: It is a study on Paul Ricoeur's mediation and its approaches with the Hegel and Hegelians' dialectic, in which it is intends to present to what extent the Paul Ricoeur's dialectic is Hegelian. It is argues that the Ricoeurian dialectic has at least three approach points with Hegel's proposal, namely: the need to mediation; the rejection of permanence in the dichotomy (or paradox) and the teleological view of mediation. However, although close, the two proposals are quite different from each other.

Keywords: Paul Ricoeur; Hegel; dialectic.

Introdução

Paul Ricoeur (1913-2005) não escreveu uma obra acerca de sua proposta de mediação imperfeita, mas acredita-se na possibilidade de compreendê-la e observá-la em toda a sua obra¹, desde *Le volontaire et l'involontaire* (1950) até *Parcours de la reconnaissance* (2004). Contudo, mesmo presente em toda a sua obra, a dialética de Ricoeur não é muito abordada por seus intérpretes, aqueles que a tratam, abordam apenas a passagem em *Do texto à ação*, na qual o autor se refere à mediação entre explicar e compreender, mas acredita-se que este é apenas um momento da mediação, uma vez que ela é a categoria com qual Ricoeur opera durante todo o seu percurso filosófico.

¹ Essa tese foi amplamente defendida no e-book "A mediação imperfeita em Paul Ricoeur", publicado em 2017 pela Editora UFPel, que pode ser acessado através do link: <<http://nepfil.ufpel.edu.br/publicacoes/a-mediacao-imperfeita.pdf>>.

Paul Ricoeur dedicou três de seus estudos à dialética de Hegel e dos hegelianos, defendendo a necessidade de resistência, ao que ele chamou de “tentação hegeliana”. Aqui, não se pretende fazer uma história da dialética e, sim, apresentar a aproximação entre as duas propostas, a dialética *totalizante* de Hegel e a dialética *fragmentária* de Ricoeur.

Paul Ricoeur, embora contrário à proposta de Hegel e dos hegelianos (principalmente de Hyppolite), defende a necessidade de mediação, apresentando os prós e contras de ambos os projetos. E, acerca disso, dedicou esses três estudos: *Retour à Hegel* (1955), texto que faz parte da coletânea de textos que se encontram publicados sob o título de *Lectures 2, La contrée des philosophes* (1992); *La tentation hégélienne* (1979), *Renoncer à Hegel em Temps et Récit T3 - Le temps raconté* (1985). Contudo, Ricoeur não é contrário à mediação, o que nos conduz ao problema que norteia esse estudo: em que medida a dialética de Paul Ricoeur é hegeliana? Para responder essa pergunta, é necessário, primeiramente, apresentar os pontos de distanciamento entre as propostas e, em um segundo momento, o que caracteriza e distingue a proposta de Ricoeur, para que, ao final, possamos verificar se a dialética ricoeuriana é ou não de matriz hegeliana.

1. Pontos de distanciamento entre a dialética de Paul Ricoeur e Hegel

Paul Ricoeur se dedicou à demarcação do que se deve evitar em Hegel, na dialética totalizante hegeliana. Talvez, nesse sentido, essa proposta de apresentar as aproximações entre Hegel e Ricoeur, seja considerada um tanto ousada. Pois, Ricoeur se dedicou a dar razões para que não se seguisse o empreendimento de Hegel e dos hegelianos. Mas, ao contrário, operando a categoria da mediação imperfeita, o filósofo nos demonstrou nesses três estudos, uma proposta muito próxima daquela de Hegel, embora distinta o suficiente para se caracterizar como uma dialética aberta, imperfeita, fragmentária. Assim, o que se pretende é demonstrar que sua proposta é próxima daquela de Hegel, pelo menos, em três aspectos.

A primeira necessidade de resistência apresentada por Paul Ricoeur, se dá pela via antropológica, em *Retour à Hegel* (1955), se trata da necessidade de resistência à “tentação hegeliana”. A preocupação de Ricoeur é com o duelo entre a antropologia e a ontologia e, isso se deve ao fato que: “sempre se disse que o alvo da filosofia é o homem” (RICOEUR, 1996, p.133), e este seria o ponto em comum entre a fenomenologia e as demais teorias, ou seja, a “visada humanista”. Ricoeur enfatiza que, a Filosofia Contemporânea discorda, pois, acredita que a verdadeira questão da Filosofia busca responder é a do *ser*.

Diante de tal duelo, entre antropologia e ontologia, Ricoeur vê como um problema o fato de se retornar a Hegel, e ainda mais inusitado, como

pretendem os hegelianos, um retorno ao Hegel da *Lógica* –, é um sinal, dentre outros, da promoção da ontologia contra o primado da antropologia (RICOEUR, 1996, p.133-134). A preocupação de Ricoeur consiste na possibilidade da subjetividade do homem e sua objetividade (ou seja, sua história objetiva) sejam esquecidas por aqueles que se dedicam apenas à ontologia. Por isso, nesse ensaio o filósofo se propõe a descobrir se o homem, sua subjetividade e sua objetividade, poderão ser mais que apenas um resíduo aos olhos dos filósofos que estão a pô-lo entre parênteses, ou seja, a “suspender” o homem.

Em sua análise acerca dos problemas que podemos enfrentar ao retornarmos a Hegel, Paul Ricoeur utiliza como exemplo a obra de Hyppolite, *Logique et existence – Essai sur la logique de Hegel* (1953). De acordo com Ricoeur, existem muitas formas de se retornar a Hegel, mas a mais insólita, com propósito humanista, é a proposta por Hyppolite que aborda Hegel pela *Lógica*² e não pela *Fenomenologia do Espírito*. Uma tentativa de retorno a Hegel numa visada “humanista” deveria considerar a *Fenomenologia*, uma vez que essa é considerada a epopeia do homem através da sequência das figuras que constituem a história ideal da consciência e da consciência de si.

O que Hyppolite faz é nos conduzir abruptamente a um *saber absoluto*, um saber que não possui mais o objeto fora de si, além de si, mas, sim, um saber que se desenvolve como discurso e percorre as próprias articulações do ser: “então o discurso que o filósofo faz sobre o ser, é o próprio discurso do ser através do filósofo” (RICOEUR, 1996, p.135). Logo, o discurso do ser, nada mais é que o próprio discurso feito pelo ser do filósofo, a linguagem humana que corre atrás de seu objeto, repousa em si mesma, ou seja, o movimento da linguagem é ela mesma.

Para Ricoeur, esse período dedicado à ontologia (ao ser) deixe esquecido o homem e a sua objetividade. E, isso, porque Ricoeur não aceita a proposta de Hegel, de uma cisão entre o si e o homem e, também, não se pode aceitar a proposta de Hyppolite e dos demais hegelianos, de uma ontologia partida.

A advertência de Ricoeur é para que, diante do conflito entre ontologia e antropologia, se evite cair na tentação hegeliana, de aceitar a proposta de um

² Para Hegel, a “lógica” é a própria filosofia, a organização da fala, do discurso, do *Logos* que esgota todas as possibilidades do ser. Com ele, as categorias falam da própria ordem do absoluto. Essa revolução no problema das categorias tornou-se possível com a introdução, na ordem das categorias, do princípio de negatividade que Hegel utilizou em sua descrição das figuras fundamentais do Espírito. As categorias começam a mover-se; elas procedem por antítese e síntese; esse movimento é o desdobramento eterno no Absoluto. Assim, a Lógica é a própria ontologia, não mais como mistério, mas como discurso (RICOEUR, 1996, p.135).

Saber absoluto que elimina a finitude, a possibilidade de mediação e, por fim, o indivíduo humano como sujeito do conhecimento.

Ricoeur alerta, acerca da segunda tentação hegeliana a ser evitada, que reside na vontade. De acordo com ele, o perigo está, – no que tange a razão prática –, ao tentar sair de Kant, se recorra a Hegel. Kant, ao elevar à categoria de princípio supremo a regra de universalização, acaba por seguir o mesmo caminho que os demais filósofos desde Fichte até Marx, estabelecendo a ordem prática como passível de justificação de um saber e de uma cientificidade que são requeridos na ordem teórica. Portanto, a tentação consiste em deixar-se seduzir pela ideia de que é necessário procurar na vida concreta as origens e os recursos da ação sensata. Nega-se a possibilidade de uma ação guiada por uma vontade absoluta e autossuficiente.

Segundo Ricoeur, faz-se necessário desabilitar dois tipos de vontade: a vontade absoluta que elimina as vontades particulares, concretas, finitas; e a vontade particular que não reconhece o peso do involuntário. Para Ricoeur, se em Kant tínhamos a dicotomia entre a intenção e o fazer, em Hegel, com a pretensão do saber absoluto, teremos uma dicotomia entre o Estado de intenção e o Estado real. Portanto, a saída que nos propõe Ricoeur é através da tensão entre ideologia e utopia, uma vez que a utopia tem como papel principal lembrar que a razão prática não existe sem a sabedoria prática.

A terceira tentação diz respeito às instituições. Ricoeur alerta para a necessidade de resistir à tentação de totalização da história e do Estado como entidade ética por excelência, como propõe Hegel. Tanto na figura do fim da história, quanto do Estado como entidade detentora da moralidade e do direito, pode nos conduzir aos regimes totalitários e de terror, uma vez que em ambos os casos o que temos é negação da dialética aberta.

A proposta de Ricoeur é que se resista às tentações hegelianas, mas que se reconheça a potência do pensamento de Hegel. Assim, não se deve abdicar da mediação, mas não se trata de uma mediação em termos hegelianos, mas de uma mediação aberta, fragmentária, imperfeita.

A mediação imperfeita se distancia da mediação operada por Hegel, em ao menos oito sentidos, a saber: (i) Primeiramente, Ricoeur compreende a interpretação como uma função da finitude, portanto, ele afirma que não é possível se colocar em um ponto e ver o todo, como pretende Hegel. (ii) A proposta dialética de Hegel consiste numa reconciliação em três momentos, a saber: a lógica, a natureza e o espírito. E, destes momentos, Ricoeur conserva apenas a figura do espírito, mas no seu acontecer, ou seja, como realidade humana, como práxis, pois é na *práxis* que se podem observar as oposições produtivas. Logo, a realidade humana que o filósofo francês faz referência parece corresponder ao “espírito”, mas não no sentido hegeliano do termo

espírito, pois para Hegel, “o Absoluto é o espírito” (HEGEL, 2005, p.437) e uma das tentações que Ricoeur pretende evitar é a do saber absoluto hegeliano. Ricoeur compreende a realidade humana como o lugar privilegiado da dialética. (iii) a mediação concebida por Ricoeur não é totalizante como a hegeliana, mas aberta, imperfeita ou mesmo fragmentária, pois ela está sempre a acontecer. (iv) Além disso, a prioridade negativa hegeliana dá lugar à alteridade na dialética ricoeuriana, ela se situa também entre Hegel e Kierkegaard, e entre Hegel e Kant. (v) A dialética ricoeuriana se situa entre a dialética totalizante de Hegel e a dialética rompida de Kierkegaard (baseada na fé que recusa a mediação da razão na crença religiosa), o que Kierkegaard chamou de “paradoxo” e, ainda, a dialética ricoeuriana juntou a imaginação produtiva kantiana, mas alargando-a através da exigência de efetivação hegeliana. (vi) Paul Ricoeur recusa a totalização racional imposta pela dialética hegeliana. A *Aufhebung* hegeliana é uma lógica da razão que nos é imposta a partir do exterior, e é anterior, se não pelo progresso, ao menos pela reconciliação necessária, em todos os níveis. A mediação imperfeita de Ricoeur objetiva justamente refutar tal totalização racional. (vii) Portanto, com base nesse paradoxo onde residem os conflitos, a mediação ricoeuriana opera entre a “impossibilidade” e a “dificuldade”. A impossibilidade da mediação total como fora proposta por Hegel e esta é uma mediação difícil para a qual somos chamados. Isto porque a dialética não é somente um princípio formal que se resume em tese, antítese e síntese, mas ela é também a reconciliação que uma vez operante mediatiza os conflitos de dois extremos. (viii) a mediação imperfeita de Ricoeur exige um esforço de existir e se inscreve na realidade humana, na *práxis*. Este é o “lugar” da mediação para Ricoeur.

2. Pontos de aproximação entre a dialética de Ricoeur e Hegel

Apesar de Ricoeur divergir em, pelo menos, oito pontos da proposta de Hegel (como se apresentou acima), identificamos três pontos de aproximação entre os dois projetos dialéticos: (i) ambos acreditam ser necessária a mediação, (ii) ambos recusam a permanência na dicotomia não resolvida e, também, (iii) ambos têm uma visão teleológica, embora o projeto hegeliano busque o saber absoluto e o projeto ricoeuriano busque a alteridade, “viver bem com e para os outros em instituições justas”.

Paul Ricoeur não aceita a proposta integral de Hegel, o seu Sistema, e tampouco as propostas e releituras de seu pensamento, realizadas pelos hegelianos (na esteira de Hyppolite e outros). Contudo, Ricoeur não recusa a dialética, ele permanece com uma dialética, não em termos absolutos como pretendia Hegel, mas uma dialética aberta e, não é possível negar o uso frequente que ele faz do termo “dialética”.

Para Ricoeur, não é possível pensar uma compreensão de si que não seja mediada através dos sinais, símbolos e textos, uma vez que, como afirma Ricoeur: “o ser se diz de múltiplos modos” (1990, p.68). Para ele, há, ao menos, uma diferença irreduzível entre um projeto de filosofia chamado “filosofia da interpretação” e o hegelianismo, a saber: “a interpretação é sempre uma função da finitude”, ao que acrescenta: “eu não posso me colocar como Hegel em um ponto onde eu veria o todo” (RICOEUR, 2006, p.193).

A dialética hegeliana, através de seus sentidos ricos e ambíguos, propõe, senão um progresso, ao menos uma teleologia que sintetiza dois opostos. A noção de dialética manifesta uma oposição progressiva. Na oposição progressiva de Hegel, há uma cisão diádica, mas também uma conexão muito dinâmica, na qual se encadeiam todas as esferas isoladas, de forma que Hegel acaba religando-as e dando-as numa perspectiva de reconciliação nos conflitos, mesmo onde um é contra o outro, como acontece, por exemplo, na dialética do senhor e do escravo (SHEN, 2010, p.130).

A proposta dialética de Hegel consiste numa reconciliação em três momentos, a saber: a lógica, a natureza e o espírito. E, desta dialética, Ricoeur conserva apenas a figura do espírito, mas no seu acontecer, ou seja, como realidade humana, como *práxis*, pois é na *práxis* que se podem observar as oposições produtivas. A realidade humana a que se refere Ricoeur parece corresponder ao “espírito”, mas não no sentido hegeliano do termo espírito. Para Ricoeur, a realidade humana é o lugar privilegiado da dialética.

A mediação como concebida por Ricoeur não é totalizante como a hegeliana, mas aberta, imperfeita ou, como dirão alguns, fragmentária. A dialética ricoeuriana se inscreve na área do espírito em geral, mas recusa o saber absoluto. Embora Ricoeur rejeite a ideia do Saber absoluto, ele afirma que não se deve rejeitar toda a dialética por conta do saber absoluto, motivo pelo qual ele se mantenha a proposta de uma dialética, não mais absoluta, totalizante, mas aberta e fragmentária. Então, que dialética é essa defendida por Ricoeur?

A prioridade negativa proposta por Hegel com Ricoeur dá lugar à alteridade. A dialética, em termos hegelianos, é uma dialética do negativo e a dialética, em termos ricoeuriano, se inscreve no sentido da dialética da alteridade. A proposta dialética de Ricoeur está situada entre Hegel e Kierkegaard, e entre Hegel e Kant (SHEN, 2010, p.131-132). De que forma isso ocorre?

A dialética de Ricoeur se situa entre a dialética totalizante de Hegel, da qual tratamos na primeira seção deste artigo, e a dialética rompida de Kierkegaard, que é baseada na fé que recusa a mediação da razão na crença religiosa, o que Kierkegaard chamou de “paradoxo”. E, além disso, a dialética

de Ricoeur juntou a imaginação produtiva kantiana, mas alargando-a graças à exigência de efetivação hegeliana.

Para Ricoeur, a “dialética rompida” de Kierkegaard está inscrita na recusa de toda a mediação possível. Essa dialética rompida se parece com uma antinomia, uma luta sem trégua, na qual não há trégua entre um e outro. Aqui se encontra a abordagem ricoeuriana de uma mediação aberta, inacabada e imperfeita, que não permite uma oposição absoluta entre um e outro, e busca novamente a possibilidade de reconciliação por um esforço, no entanto, limitado.

A dialética aberta, imperfeita, proposta por Ricoeur, é uma dialética baseada no paradoxo, mas que busca a reconciliação e a alteridade. É uma dialética que busca a alteridade e a conciliação com o outro, mas sem uma síntese dialética total, sem a totalização.

Assim, a dialética de Ricoeur não poderia ter outro lugar senão a *práxis*, ou seja, realidade humana, pois é na realidade humana que ocorrem os conflitos e é nela que, a através da reflexão, é possível a mediação dos conflitos, uma oposição produtiva na qual não se permaneça no paradoxo ou mesmo na oposição, mas se proponha uma reflexão concreta, que nos possibilita uma oposição produtiva, capaz de produzir soluções, mediadas pela alteridade.

O lugar da dialética para Ricoeur, como ele apresenta em seu artigo *Le lieu de la dialectique*, pode ser demonstrado a partir da abordagem de quatro pontos. Segundo Shen (2010, p.134-147), o primeiro ponto a ser observado é que a dialética não é tudo, mas somente um procedimento de reflexão para a superação da abstração e para chegar ao concreto, ou seja, ao completo, ao todo. Acerca disso, podemos verificar em *De l'interprétation* (1965): “a dialética não é tudo; é apenas um procedimento da reflexão para ultrapassar sua abstração, para se tornar concreta, isto é, completa”. Portanto, é preciso compreender que para Ricoeur, a dialética não é um Sistema, como pretendeu Hegel, nem é totalizante, mas é apenas um procedimento, uma categoria que deve ser operada e para ele é capaz de tornar a reflexão concreta, ou seja, completa. Portanto, a reflexão, a compreensão de si deve ser mediada.

A dialética de Ricoeur pertence ao homem, representa a saída da imediatidade da consciência através da mediação dela mesma, é uma ação existencial.

O segundo ponto refere-se à *Aufhebung* hegeliana e o paradoxo herdado de Jaspers e Kierkegaard. A mediação ricoeuriana se funda nos limites da razão humana, é o paradoxo que permite a Ricoeur explicar, se não a impossibilidade da mediação, os seus limites. Em seu terceiro ponto, a mediação operada por Ricoeur, o sentido de “conservar”, herdado da dialética de Hegel, permite uma

visão positiva do passado, que permanece no presente e no futuro, ao invés de ser suprimido.

O quarto e último ponto trata-se da “oposição produtiva”, para Ricoeur, é através dela que é possível sair do conflito e propor uma solução, evitando-se assim a natureza e a lógica. É ela que nos garante uma solução situada na realidade humana e não apenas na reflexão especulativa.

Conclusão

A dialética de Paul Ricoeur possui, sem dúvida, matriz hegeliana. O próprio filósofo faz questão de ressaltar a importância e a potência do pensamento de Hegel. Acredita-se que, Ricoeur vê na dialética proposta por Hegel a possibilidade de saída do problema do mediato e imediato da consciência, embora reconheça alguns problemas no projeto de Hegel e dos hegelianos.

É a partir da dialética de Hegel e evitando as “tentações hegelianas” que se chega a proposta de Ricoeur, de uma mediação não mais perfeita, finita e totalizante, mas imperfeita, finita, aberta e fragmentária, que nos possibilita fazer o enxerto da fenomenologia na hermenêutica e, assim, romper com a tautologia e a violência da interpretação, transformando assim o círculo hermenêutico numa espiral sem fim.

Paul Ricoeur, portanto, rejeita a mediação absoluta da consciência, mas também é contrário à uma consciência sem mediações. Por isso, defende uma mediação aberta, pois nas duas situações a finitude é colocada em risco. A mediação absoluta é capaz de tornar a consciência autoritária, enquanto que uma consciência sem mediações, produz uma consciência ingênua, uma consciência sem suspeita.

A mediação absoluta que deve ser evitada, é aquela proposta por Hegel, pois é ela que suspende o diálogo em um saber, uma vontade e uma instituição totais e, portanto, são essas tentações que devem ser evitadas. O que se deve buscar é uma mediação que está em constante exercício, que tem seu lugar na *práxis* humana, ou seja, na realidade humana e que articula o si mesmo com o outro e a identidade com a alteridade.

Por fim, em resposta a dialética hegeliana que é abstrata e cujo ser que ela compreende é vazio, Paul Ricoeur propõe uma dialética baseada na “concretude da vida humana”, cujo sujeito não é um ser vazio, ao contrário, é o homem, que sofre situações-limite, no conflito entre o bem e o mal, sujeito ao um servo-arbítrio e que muitas vezes tem de escolher entre o mal e o pior. Portanto, a dialética proposta por Ricoeur opera entre a impossibilidade e a dificuldade, a saber: a impossibilidade de uma mediação total (como pretendeu Hegel) e a dificuldade do existir, já que está inscrita na *práxis* humana (realidade

humana). É a mediação imperfeita que nos permite sair do conflito, oferecendo uma solução situada na realidade humana e não apenas na reflexão especulativa.

Referências

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Enciclopedia de las ciencias filosóficas*. Madrid: Alianza Editorial, 2005.

HYPOLITE, Jean. *Logique et existence - Essai sur la logique de Hegel*. França-Paris: Presses Universitaires de France, 1961.

RICOEUR, Paul. *Le volontaire et l'involontaire*. Paris-França: AUBIER, Éditions Montaigne, 1950.

_____. *De l'interprétation: essai sur le Freud*. Paris-França: Seuil, 1965.

_____. *Philosophie de la volonté I. Le volontaire et l'involontaire*. Paris: Aubier Montaigne, 1967.

_____. *Le conflit des interprétations*. Essais d'herméneutique. Paris: Seuil, 1969.

_____. « Le 'lieu' de la dialectique ». In: *Dialectiques*, entretiens de Varna 15-22 septembre 1973, à l'occasion d'un colloque organisé par l'Institut International de Philosophie, publié par les soins de CH. Perelman, édition Martinus Nijhoff – The Hague/ La Haye.

_____. *Temps et récit. Tome III: Le temps raconté*. França-Paris: Seuil, 1985.

_____. *Do texto à ação*. Trad.: Alcino Cartaxo e Maria José Sarabando. Portugal-Porto: Rés - Editora, 1989.

_____. *O conflito das interpretações: ensaios de hermenêutica*. Trad.: M. F. Sá Correia. Portugal-Porto: Editora Rés, 1990.

_____. *Leituras 2 - A região dos filósofos*. Trad. Marcelo Perine e Nicolás Nyimi Campanário. Brasil-São Paulo: Edições Loyola, 1996.

_____. *Percursos do reconhecimento*. Trad.: Nicolas Nyimi Campanário. Brasil-São Paulo: Edições Loyola, 2006.

SHEN, Ching-Kai. *L'esprit hegelien chez Paul Ricoeur - Une interprétation anthropologique de la pensée hegelienne*. 2010. 352 f. Tese (Doutorado em Filosofia e Letras) – Université Catholique de Louvain, Louvain, 2010.